



ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.º 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadeira sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florabela Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

GRAVURAS RUPESTRES DA ROCHA 2 DA LOMBA DO CARVALHO (ALMACEDA, CASTELO BRANCO). INFORMAÇÃO EMPÍRICA E HIPÓTESES INTERPRETATIVAS

Mário Varela Gomes¹

RESUMO

Afloramento sub-horizontal, de xisto, de encosta dos contrafortes da Serra da Guardunha, contém gravuras executadas através de picotagem, incisão linear e, sobretudo, abrasão. Aquele repertório é formado por covinhas isoladas ou estruturadas em grupos, círculos, manchas de negativos, pequeno colubriforme, conjuntos de filiformes e de sulcos abradidos. Reconhecem-se possíveis antropomorfos esquemáticos, em forma de *phi* ou arboriformes, flechas, cruciformes, séries de traços paralelos, espinhado, escalariformes, reticulados e fusiformes, alguns intensamente escavados e possuindo dimensões assinaláveis, tanto no que concerne ao seu comprimento, como em largura e profundidade. Eles traduzem acções individuais, repetitivas, decorrentes de participação gráfica não figurativa, que paralelos etnográficos e comportamentos religiosos indicam integrarem a tentativa de proceder ao encontro com o mundo transcendente.

Palavras-chave: Gravuras rupestres; Covinha; Círculo; Filiforme; Fusiforme.

ABSTRACT

A sub-horizontal outcrop of schist on foothills of the slopes of Serra da Guardunha, it contains engravings executed using peckings, linear incisions and, mostly, abrasion. That repertoire is formed by cup-marks, single or structured in groups, circles, stains of peckings, a small colubrid, sets of filiform and abraded grooves. Possible schematic anthropomorphs are recognized, in the shape of *phi* and tree, arrows, cruciforms, sets of parallel lines, one herringbone, scalariforms, reticulates and fusiforms, some intensely excavated and having remarkable dimensions, both in terms of their length, as in width and depth. They translate individual, repetitive actions, perhaps resulting from non-figurative graphic participation, which ethnographic parallels and religious behaviours indicate to be part of the attempt to proceed with the encounter with the transcendent world.

Keywords: Rock art engravings; Cup-mark; Circle; Filiform; Fusiform.

1. IDENTIFICAÇÃO

A existência das gravuras rupestres agora publicadas foi-nos indicada, em 2012, pelo nosso antigo aluno, Dr. Edgar Fernandes, natural de Castelo Branco, que teve conhecimento de tais ocorrências através de um seu professor de História, da Escola Secundária Nuno Álvares, daquela cidade, o Dr. André Gonçalves. Este recordava-as desde a juventude, tendo sido vereador e depois presidente da Junta de Freguesia de Alameda, em cujo território aquelas se encontram. Após uma primeira visita infrutífera, no ano acima

mencionado, pois decorridas várias décadas sobre o achado da rocha com gravuras, o Dr. André Gonçalves não as conseguiu reencontrar. Todavia, algum tempo depois, voltámos a Alameda e, na companhia dos dois anfitriões referidos e das Dr^{as} Mariana Almeida e Joana Gonçalves, haveríamos de observar o núcleo de gravuras da então denominada rocha 2 da Lomba do Carvalho.

Importa registar que, a cerca de 250 m para norte da rocha gravada agora dada a conhecer, existe outro afloramento, embora de menores dimensões que aquele, contendo gravuras do mesmo tipo, mas em

1. IAP NOVA FCSH / Orcid: 0000-0002-6719-4802 / mv.gomes@fcs.unl.pt

número bem inferior. Esta rocha foi identificada, em 2005, pelo Doutor João Caninas, no âmbito de trabalho relacionado com o estudo do impacto ambiental de unidades eólicas, pelo que a designámos rocha 1. O mesmo arqueólogo informou devidamente a tutela do achado, alertando para a possível existência de outras rochas gravadas na mesma área, no que seguiu informação de quem o conduziu à Lomba do Carvalho.

2. PROBLEMÁTICAS

As primeiras observações da rocha 2 da Lomba do Carvalho geraram questões de diversos âmbitos, conforme é próprio dos testemunhos arqueológicos, dado reflectirem aspectos materiais, técnicos e intelectuais, da complexa existência humana.

Conforme sempre ocorre, a primeira grande questão, de resposta não linear, respeitou aos tempos em que aquela superfície foi usada como suporte de actividades gráficas, de diferentes tipos, mas genericamente conhecidas, sobretudo nas vizinhas serranias beirãs, ou nas transmontanas e com larga dispersão no Ocidente Peninsular. A sua cronologia continua a constituir desafio e tema de discussão, aspecto que já também abordámos em alguns textos e, nomeadamente em relação ao seu surgimento na arte do Vale do Tejo (Gomes, 2010, pp. 375-378). A rocha referida sugeria corresponder a denso palimpsesto de gravuras ou, se quisermos, de gestos ritualizados, executados em grandes momentos distintos. Algumas relações estratigráficas, horizontais e verticais, poderiam fornecer informações diacrónicas importantes, de acervo iconográfico onde logo se reconheceu a total ausência da representação de artefactos ou de construções. Neste panorama, os possíveis antropomorfos, em forma de *phi*, e dois outros arboriformes remeter-nos-iam para a fase de gravação mais antiga, correspondendo a larga faixa temporal, do Calcolítico à Idade do Bronze Final. O único zoomorfo identificado, um pequeno colubrídeo, parecia associar-se a duas covinhas, sobrepondo gravações filiformes e abradidas. Esta temática zoomórfica, com origens paleolíticas, é reconhecida na arte rupestre peninsular a partir do Neolítico, conforme exemplos do santuário exterior do Escoural e da arte do Vale do Tejo, mas tornou-se quase recorrente, no Noroeste Peninsular, durante a Proto-História. Contudo, na superfície da rocha 2 da Lomba do Carvalho, destacavam-se os fusiformes abradidos, alguns muito lon-

gos, largos e profundos, raros nos muitos contextos afins que se conhecem.

Covinhas isoladas e sobretudo organizadas em linhas ou em pares, são bem conhecidas a partir do Neolítico Final onde algumas sugerem ter servido como tabuleiros para jogos, cuja ligação ao mundo transcendente não deve ser esquecida.

Mas quais seriam as funções daquele sítio de altura, de onde se desfruta ampla paisagem envolvente? Quem o frequentaria e quando? Apenas um só indivíduo, xamã ou feiticeiro, que ali entraria em contacto com o mundo sobrenatural, dos antepassados e dos espíritos? Poderíamos elencar outras questões, embora as enunciadas sejam suficientes para iniciarmos reflexão perante a informação disponível e tentarmos encontrar algumas repostas, mesmo que os nossos argumentos sejam, por vezes, assumidamente subjectivos.

Como recomendou A. Leroi-Gourhan (1968), em relação às manifestações gráficas paleolíticas, *“a interpretação não deve ser baseada em casos isolados, mas no estudo global das formas no tempo e no espaço”*, procurando a sua *“potencial função”*. É isto que tentamos, na medida do possível, fazer.

3. METODOLOGIA E MEIOS

A metodologia corresponde a processo de planeamento que se implementa tendo em vista a aquisição de conhecimentos. Ela deve ser adequada ao propósito que cada construção teórica exige (Bachelard, 1942, p. 70).

Depois da limpeza cuidada das superfícies gravadas, dado que o afloramento que lhes serve de suporte se encontra muito degradado e fragmentado, devido à acção dos elementos naturais, como às variações térmicas, dinâmicas e biológicas, ou a acções antrópicas, nomeadamente incêndios florestais, o último dos quais ali acontecido em 2013, procedeu-se ao registo directo da sua iconografia. Esta é constituída por gravuras incisas, muito finas, os filiformes, por gravuras figuradas através da picotagem de artefactos líticos, e por gravuras abradidas, executadas com movimentos de vaivém, os fusiformes. O decalque foi executado sobre plástico polivinílico transparente, registando-se as gravuras, o modo da sua execução, fissuras, fracturas, os contornos das superfícies gravadas e as sobreposições, correspondendo a processo de leitura que deve ser objectivo. Trata-se do passo mais importante dos estudos em arte rupestre,

pois a obtenção de registos fiáveis, servem o investigador que os produzem e usam, como a todos aqueles que no futuro os queiram utilizar, sendo também útil à monitorização do estado das gravuras em tempos ulteriores. Mas, proceder ao decalque de gravuras ou pinturas rupestres faz-nos, de certo modo, repetir os gestos, posições e outros comportamentos de quem produziu tais documentos, aspecto importante para a sua compreensão. Assim, também podemos discernir o que é gravado e o que pertence aos chamados acidentes dos suportes, ou quando os gravadores os integraram nas formas que produziram. Só o nosso cérebro é capaz de fazer tais distinções, pelo que o “diálogo” directo entre quem procede ao decalque e os testemunhos é imprescindível à correcta compreensão daqueles. Sobreposições, possíveis associações e aspectos técnicos ou idiossincráticos foram anotados nos decalques. O rigor destes, a restante informação recolhida e a emotividade provocada pelo contacto directo com as gravuras, nunca serão substituídos pelos registos decorrentes das aplicações tecnológicas com base informática.

Os documentos elaborados no campo foram transpostos em gabinete, para papel vegetal e depois reduzidos à escala 1/5, tendo em conta o seu mais fácil manuseamento e publicação. Também se fez registo cotado e desenho de corte da rocha, demonstrativos da sua orientação e inclinação.

Os trabalhos de campo e gabinete foram subsidiados pelo signatário e pela Câmara Municipal de Castelo Branco, a quem cabe agradecermos, no âmbito de protocolo assinado entre aquela e a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. O nosso reconhecimento estende-se à Junta de Freguesia de Alameda, pela cedência de transporte entre aquela povoação e a Lomba do Carvalho. Os decalques das gravuras foram executados pelo autor e por Joana Gonçalves, ambos coadjuvados por Mariana Almeida e Edgar Fernandes, todos nossos antigos alunos e arqueólogos, a quem cabe agradecer a empenhada colaboração. Os levantamentos foram transpostos para papel vegetal pelo autor, que também procedeu à cobertura fotográfica dos trabalhos e de aspectos gerais, ou de pormenor, das gravuras.

4. O SÍTIO

O local conhecido como Lomba do Carvalho corresponde a encosta suave e voltada a sul de relevo, per-

tencente aos contrafortes da Serra da Guardunha, que se desenvolve a noroeste, no interflúvio Zêzere-Ocresa. Ela encontra-se orientada no sentido nordeste-sudoeste e possui cerca de 20 km de extensão, atingindo 1223 m de altitude máxima.

No fundo de profundo e sinuoso vale, a cerca de 2 km para nascente da Lomba do Carvalho, corre a ribeira de Alameda, afluente do Rio Ocresa, confluindo este, depois de longo percurso, na margem direita do Tejo.

O substrato rochoso é constituído por xistos e grauvaques e as coordenadas aproximadas do local onde se encontra a rocha gravada são: 40°0'33,30" N e 7°41'10" W de Greenwich, segundo a *Carta Militar de Portugal*, folha 267 (Alameda) (esc. 1:25000, 1993).

Actualmente a povoação de Alameda é sede de freguesia, com o mesmo nome, situando-se na zona noroeste do Concelho de Castelo Branco, distando 35 km daquela cidade. Tem-se acesso a Alameda através da EN112 (Castelo Branco – Coimbra). Na Lomba do Carvalho corre caminho vicinal que liga a aldeia de Ingarnal a Alameda e passa muito perto das duas rochas gravadas.

5. O SUPORTE

Conforme anteriormente mencionámos, trata-se de superfície sub-horizontal de afloramento de xisto, possuindo cor vermelha (7.5R 5/6) ou cor cinzenta avermelhada (7.5R 6/1)² e forma trapezoidal, embora de contornos muito recortados, medindo 5,40 m de comprimento por 2,00 m de largura máxima.

As numerosas fracturas, que conduziram à amputação e desaparecimento de grandes áreas gravadas, permitem considerar dois sectores, separados por espaço actualmente sem superfícies gravadas, medindo 1,00 m de largura. Assim, o sector nascente mostra conjunto de superfícies, a maior medindo 1,50 m de comprimento e outras de pequenas dimensões. No sector poente conservam-se trechos de maiores dimensões, um deles possuindo cerca de 3,00 m de comprimento e inclinação de 8%, encontrando-se aí a área mais baixa do conjunto, aquela que contém maior número de gravuras.

Importa assinalar que o bordo norte deste afloramento corresponde a direcção de clivagem, com a orientação nascente-poente.

2. Os índices cromáticos referem-se às *Munsell Soil Color Charts* (1975) e, portanto, devem entender-se como aproximados.

6. REPERTÓRIO – UMA DESCRIÇÃO SUCINTA

Sector Nascente – Observa-se, na sua extremidade, círculo, ligeiramente picotado, contendo dois diâmetros cruzados, em zona onde existe porção de outro círculo ou oval, também contendo diâmetros cruzados abradidos, assim como oval, com septo central ou figura em forma de *phi*. Esta foi sobreposta por pequena covinha, produzida através de picotagem. Perto encontram-se duas outras covinhas, de menores dimensões que aquela, mas uma maior que a outra. Podemos ainda observar pequeno reticulado abradido, sobre filiformes, picotados dispersos e linhas filiformes ou abradidas incompletas. Para oeste da zona descrita, pequena superfície conserva, ainda, figura em forma de *phi*, mas cujos contornos correspondem a incisões lineares gravadas por abrasão. Perto, quatro pequenas superfícies contêm linhas filiformes e abradidas, restos de uma linha picotada, assim como covinhas que se sobrepõem àquelas.

A poente encontra-se a zona maior e melhor conservada deste sector. No seu centro destaca-se o que julgamos tratar-se de composição, constituída por duas covinhas, de distintas dimensões, reconhecendo-se que a de menor tamanho sobrepõe a maior, com 0,03 m de profundidade e às quais se associa representação de pequeno colubrídeo (0,14 m de comprimento), figurado através de picotagem regularizada por abrasão. O réptil mostra curvatura larga a seguir à cabeça, que tem contorno triangular, sendo a cauda afilada, encontrando-se disposto no sentido poente-nascente, sobrepondo linhas filiformes e abradidas.

Imediatamente a norte das gravuras descritas, reconhecem-se figura arboriforme (antropomorfo ?), representado através de filiformes, quatro imagens em forma de *phi*, todas filiformes, e denso emaranhado de traços com técnica semelhante, em parte sobreposto por duas longas linhas abradidas formando V. A norte da covinha maior encontra-se esboço de círculo picotado, existindo conjuntos de picotados dispersos em toda a superfície. Para sudeste das duas covinhas mencionadas observa-se outro esboço de círculo.

Não longe do bordo nascente reconhece-se uma dezena de pequenos traços verticais paralelos, e quase equidistantes entre si, e abaixo detectam-se dois traços filiformes cruzados, em forma de X. Para poente encontramos denso emaranhado de linhas filiformes,

contendo losango com diagonais, rodeado por oito imagens em forma de *phi*. Porções de superfícies gravadas, situadas mais a sul, além de linhas filiformes, que incluem pequeno espinhado, alguns fusiformes, círculo incompleto e dois esboços de círculos picotados, também mostram covinhas, formando pares e grupos de três.

Sector Poente – No topo norte deste sector observam-se dois conjuntos de quatro covinhas, formando os cantos de dois quadrados, mas um deles mostrando covinhas algo maiores que o outro. Imediatamente a nascente existem duas covinhas, segundo julgamos alinhadas com os lados dos dois conjuntos mencionados e, na área oposta, covinha de maiores dimensões. Esta sobrepõe filiformes e encontra-se junto a traço abradido, actualmente truncado por fracturas do suporte.

Para sul, onde se desenvolve a área mesial deste sector da rocha, conservam-se numerosas linhas filiformes, onde se identifica imagem arboriforme, covinhas, conjunto de fusiformes dispostos verticalmente e outro formando grande Z, depois integrando escalariformes e covinhas, quatro delas alinhadas. Duas pequenas covinhas foram ligadas por linha picotada (altere), aberta sobre fusiforme. Imediatamente a sul observa-se linha de covinhas, conjunto de covinhas dispostas em quadrado, no centro do qual se encontra círculo com ponto central picotado, que se sobrepõe a fusiforme e é em parte sobreposto por covinha. Identifica-se outro conjunto de covinhas, formando quadrado, com uma quinta covinha ao centro e covinhas a par, outras dispersas, assim como numerosas gravuras filiformes e abradidas. Entre estas últimas, reconhecem-se escalariformes de diversas morfologias, séries paralelas ou sub-paralelas de traços abradidos, e de outros formando ângulos. Um segundo círculo picotado, de menores dimensões que o anteriormente referido, foi sobreposto por covinha e sobrepõe filiformes. À esquerda do observador, conjunto de linhas abradidas sugerem figurar paralelograma contendo duas diagonais. Mais a sul, encontra-se a zona melhor conservada desta rocha, que também contém denso palimpsesto de imagens e, nomeadamente, os mais longos e profundos fusiformes nela existentes. As gravuras filiformes formam sobretudo séries paralelas e reticulados e foram claramente sobrepostas pelas abradidas. A mais longa destas, orientada no sentido sul-norte, mede 0,80 m de comprimento, existindo outras com cerca de metade daquela dimensão.

O longo fusiforme foi sobreposto, na extremidade norte, por covinha, e talvez assim fosse interpretado como serpente, saindo do interior da rocha. Este tipo de sobreposição, com possível intenção narrativa, conta com sete outros exemplares e é recorrente em outros conjuntos de arte rupestre, nomeadamente no Noroeste Peninsular.

Covinhas dispersas, ou em pares, sobrepõem filiformes e fusiformes. Existe linha picotada entre dois fusiformes e pequenas manchas de picotado denso indicam a intensão de gravar covinhas, talvez uma espécie de marcação prévia daquelas que, por motivos nossos desconhecidos, não foram aprofundadas. Também se reconhece figura quadrangular abradida, com medianas e imagem em forma de flecha (1), entre outra iconografia.

7. ICONICIDADE NA FRONTEIRA DAS FORMAS CLASSIFICÁVEIS

“nem todos os signos aludem a algo verdadeiramente existente” (C.W. Morris, 1985, p. 29).

O acervo iconográfico da rocha 2 da Lomba do Carvalho conta, conforme descrevemos, com raros pictogramas, a par de alguns ideogramas, comumente referidos como signos na literatura europeia sobre arte rupestre, e de abundantes psicogramas.

Aquelas três categorias de símbolos são formadas por linhas, que constituem tanto os *“blocos de construção básicos da percepção”*, como *“as fontes básicas da estrutura óptica”*, pois tanto quanto limites de superfícies ou de objectos representados, elas são facilmente captadas pelos sistemas visual e neural (Kennedy e Silver, 1974, p. 313).

O pintor e teórico da arte contemporânea W. W. Kandinsky (1971, pp. 59-61), acreditava que as linhas verticais eram as que melhor sugeriam a ideia de movimento. Hoje sabe-se que os humanos reconhecem e usam preferentemente linhas verticais e horizontais. D. Hodgson (2006, p. 60), explica que isso se deve aos *“neurónios que codificam tais linhas se encontram largamente distribuídos nas áreas anteriores do córtex visual”*. Todavia, esta questão deve, quanto a nós, encontrar-se intrinsecamente ligada ao carácter biológico da posição vertical dos humanos, dada a presença cultural da linha de terra e do horizonte visual, enquadrando os espaços onde existem os recursos que permitem a subsistência.

Pictogramas – Podemos integrar nesta categoria as

possíveis representações esquemáticas de antropomorfos, sejam elas de humanos, espíritos ou divindades. Raras na Lomba do Carvalho, não reproduzem os modelos naturais do realismo visual, sendo possível que traduzam conceptualizações, correspondendo à necessidade de expressar graficamente aspectos do transcendente. Somente o pequeno colubriforme apresenta forma realista.

Ideogramas – São sínteses ou esquemas do mundo real, mas também formas que são apenas fruto da criatividade, integrando linguagem totalmente simbólica. Transmitem ideias ou conceitos e são *“invenções do espírito humano”* (Raphäel, 1986, p. 119). Círculos, escalariformes, reticulados, covinhas, e outros, fazem parte desta classe de imagens.

Psicogramas – São as intervenções gráficas não representacionais e que constituem a face negra, esquecida, escondida ou a informação desprezada da arte rupestre, tanto paleolítica como pós-paleolítica. Aquelas marcas anicónicas, quando gravadas podem apresentar-se desordenadas, meândricas, ou em grupos paralelos, e possuem semelhanças remotas nas pinturas digitais e sulcos deixados na argila (*digital fluting*), com disposição caótica, do Paleolítico Médio e Superior, da Europa, África e Austrália (Bednarik, 1986).

J. Clottes e D. Lewis-Williams (1996, p. 47), concluem que *“as linhas indeterminadas”* são demasiadamente constantes na arte paleolítica europeia para *“não expressarem intensões precisas”*, no que seguem M. Lorblanchet (1993, p. 241), situando-se bem longe da interpretação de H. Breuil (1952, pp. 17, 253), que as considerou parasitas e longe do *“mérito artístico da arte animalista”*. Riscos, raspagens, picotados dispersos ou formando manchas, mais ou menos densas, formas abstractas, devem-se ao impulso universal dos humanos para fazerem marcas, como experiências sensoriais, expressando muitas vezes descargas de energia e estados neuropsicológicos ou emocionais, positivos ou negativos.

Para G. Shapiro (1974, pp. 33, 34, 39) toda a arte seria inicialmente abstracta ou não icónica, não representando as imagens identificáveis a centralidade em arte, assim abrindo-a radicalmente à interpretação. Os psicogramas foram identificados e estudados na arte pós-paleolítica do Vale do Tejo (São Simão, Cachão do Algarve, Fratel, Gardete, Parcana), onde têm alta representatividade, atingindo cerca de 25% de toda a produção gravada (Gomes, 2010, pp. 180, 181). Testemunhos idênticos ocorrem em outros

complexos rupestres, embora se desconheça a sua representatividade, dado terem sido relegados para o esquecimento.

Para além de diversos significados, aqueles indicam actividade gráfica, quiçá incluída em acções rituais, onde se deu grande importância aos suportes, talvez no contexto de comunicação com o que então se acreditaria, encontrar-se escondido ou existir sob eles, tal como à participação gráfica que expressava a realidade de tal ligação.

8. INFORMAÇÃO EMPÍRICA E POUCO MAIS

Cruciformes – Formados pelo cruzamento de fusiformes, são representações pouco comuns durante a Pré-História, devendo-se a sua grande difusão aos tempos históricos, com a implantação do Cristianismo, nomeadamente a partir do século VI. Segundo C. G. Jung (1964, pp. 89, 91) a cruz pode ser considerada um símbolo natural, representando ordem e estabilidade, dando sentido à vida.

Em Fratel (rocha F72^{1.25}), no Vale do Tejo, encontramos cruciforme, de braços com a mesma dimensão (cruz grega), representado a partir de dois fusiformes. Na rocha da Fechadura (Serra do Figueiredo, Sertão), imagem semelhante foi atribuída à Idade do Ferro (Batata, 2006, pp. 57-59, 136).

Arboriformes – Possíveis esquematizações humanas, em forma de árvore ou de ramo, de abeto ou de pinheiro, como lhes chamou H. Breuil (1933, pp. 27, 37; 1933a, pp. 21, 89). Apresentam linha central vertical e três ou mais pares de membros, perpendiculares ou oblíquos, mais ou menos simétricos. Eles surgem na chamada arte esquemática holocénica, tanto sob a forma de pinturas como de gravuras, em abrigos ou blocos rochosos ao ar livre, mas também em algumas peças que integram a chamada arte móvel. São conhecidos em quase todas as estações rupestres que constituem a arte do Vale do Tejo (São Simão, Alagadouro, Cachão do Algarve, Chão da Velha Montante) onde foram classificados nos períodos Meridional e Atlântico (Neolítico Final-Calcolítico e Idade do Bronze). No sector 3 da rocha 1 de Santo Ildefonso, no Guadiana, observa-se arboriforme gravado com traços filiformes (Baptista e Santos, 2013, p. 78).

Dois esplêndidos antropomorfos arboriformes foram gravados no corpo de taça carenada de cerâmica, da Anta da Horta (Alter do Chão), com cronologia dos finais do IV milénio A.C. (Oliveira, 2010, p. 365, est. 4). Trata-se de artefacto votivo, ou seja, proposi-

tadamente produzido para acompanhar um defunto. As árvores correspondem, a epítome do variado e vigoroso mundo das plantas, que podem fornecer alimento, substâncias medicinais e matérias-primas úteis às comunidades humanas e animais. Esta importância conduziu ao seu reconhecimento como contendo qualidades sobrenaturais, unindo-as a forças místicas do sagrado e, até, à sua conexão com o cosmos vivo, ou diferentes divindades de cosmogonias, como universalmente se constata (Eliade, 1977, pp. 325-328). Elas são verticais, fortes e ligadas a conceitos de renovação, ressurreição, fertilidade, evolução, potência, fecundidade, vida e, não raro, imortalidade. Na Europa, não se representaram árvores durante o Paleolítico, surgindo marginalmente na arte holocénica (Mguni, 2009, pp. 139, 195). Para muitas culturas ainda existentes, as árvores são reconhecidas como fronteiras entre dois mundos opostos, o real e o transcendente, sendo morada das almas, nomeadamente de xamãs, feiticeiros e grandes líderes.

A multiplicação do número de membros nos antropomorfos ramiformes, deve ilustrar a presença de entidade sobrenatural, ou significar grande força e poder, tanto de divindade como de líder sócio-religioso ou político. Este aspecto, denominado polime-lia, pode também corresponder a alucinações somáticas, descritas por xamãs, de diferentes partes do mundo, em estado de consciência alterada (Lewis-Williams, 1997, p. 823).

Antropomorfos em forma de *phi* (Φ) – Ocorrem na Lomba do Carvalho, com corpos de forma subcircular, oval, losangular ou hexagonal. Tais morfologias foram assim descritas por H. Breuil (1933, p. 47), especificamente em relação a imagens pintadas de cor vermelha do abrigo Pala Pinta (Carlão. Alijó), mas também às pinturas da zona de Cádiz, da região média do Guadiana e da Serra Morena (Breuil, 1933a, p. 11). P. Acosta (1968, pp. 28-32) segue aquela designação, realçando o antropomorfismo com os braços cruzados, que se observa em figuras cicládicas do III milénio A.C., a que podemos juntar a estela da Serra da Boulhosa (Alto Minho), talvez figurando opulenta divindade feminina, ritualmente vestida.

Aquele tipo de imagem surge na arte rupestre do Vale do Tejo, nomeadamente em Fratel, onde a datamos na Idade do Bronze, e também no complexo do Rio Guadiana (Moinho da Abóbada 1; Foz dos Pardais, S. II, 3; Malhada dos Gagos 7 e 8; Mocissos 1; Moinhola 62) (Baptista e Santos, 2013, pp. 74, 242). O mesmo

símbolo foi gravado em monumentos megalíticos da Extremadura Espanhola e Andaluzia. Par de figuras semelhantes encontram-se gravadas na rocha 29 de Gândara do Fial II (Tondela, Viseu) (Santos, 2008, p. 76) e outro par faz parte de iconografia da estela de São Martinho I (Castelo Branco), ocorrências datadas na Idade do Bronze Médio (Gomes e Monteiro, 1976-77, pp. 319-321; Gomes, 2010, pp. 94-96). Importa ainda referir a Fraga dos Fusos ou Pena *Scripta* de Sortes (Bragança) (Alves, 1934, pp. 357-359) gravada através de incisões filiformes, com representações em forma de *phi*, com corpo oval ou poligonal, séries de linhas verticais e cruciformes. Na Fraga das Cruzes (Mogadouro) também se observam círculos e ovais com septo vertical ou horizontal (Sanches, 1992, pp. 41-43, est. X).

A imagem que representa a letra suplementar do alfabeto grego tem sido associada ao órgão reprodutivo feminino (δελφύς = útero). Será que tal forma antropomórfica originalmente representaria entidade feminina? Não podemos afastar liminarmente a hipótese de que imagens em forma de $\uparrow$ e de T possam igualmente representar antropomorfos.

Fusiformes – Gravuras lineares, produzidas por abrasão, mais largas e profundas na área mesial, com as extremidades apontadas, mostrando secção em forma de V ou, menos comumente, em forma de U, estão presentes de norte a sul do território hoje português, não devendo ser confundidas com polidores ou amoladores de armas e ferramentas, de pedra, osso ou metálicas.

Naquela primeira região são popularmente referidos por “unhadas do Diabo”, podendo surgir isolados, mas mais frequentemente agrupados em séries horizontais ou dispostos em leque, mas também existem em séries verticais. Não raro surgem sobrepostas, formando cruciformes ou flechas, ângulos, escalariformes, “cometas”, reticulados, assim como imagens mais complexas.

Os fusiformes oferecem larga difusão, bem maior que a apresentada por F. Coimbra (2015, p. 85), que os circunscreveu apenas a três áreas (Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Interior e Alentejo).

Aquele tipo de gravuras é bem conhecido em regiões de ambas margens do Mediterrâneo (Península Ibérica, Sul de França, Itália, Norte de África), tanto em contextos paleolíticos como ulteriores. A sua origem paleolítica encontra-se atestada, através dos blocos de arenito gravados, do abrigo de Laugerie-Haute, datados por D. Peyrony (1929, pp. 368, 370, fig. 4) nos

inícios do Madalenense. Imagens afins foram atribuídas, na Argélia, à Cultura Capsense ou ao Neolítico e chamadas “*linhas capsenses*” (Wernert, 1992, pp. 940-944; Vaufray e Le Dû, 1934; Le Dû, 1935-36, p. 108; Cadenat, 1965; Lefebvre, 1970; Aparício Pérez, 1977; González-Morales, 1980; Díez-Coronel, 1986-87; Gomes, 2010, p. 153, 154; Sanches e Teixeira, 2013, p. 63, 64).

Os fusiformes surgem nos abrigos e em rochas ao ar livre do Planalto Mirandês, nomeadamente em oito abrigos da Ribeira das Veigas e Vale de Espinheiros, nas rochas de Sortes (Fraga dos Fusos), e do Vale da Vilariça (Pedra Escrita de Ridevides, duas superfícies com “ferraduras” picotadas sobre fusiformes, Pedra Escrita do Poço da Moura, Pedra Escrita da Tapada do Cordeiro) (Santos Júnior, 1963, p. 112; Castro, 1970), no Fragão (Aguieiras), na Fraga das Aguçadeiras, Vale de Palheiros, Cilhades, Ribeira do Pido, Quinta dos Crestelos, Fonte do Prado da Rodela (Meirinhos, Mogadouro), Ribeira das Mós, abrigo da Boca do Tua, entre outros locais, assim como nos complexos rupestres dos vales do Côa, Douro e Sabor (Alves, 1934, pp. 357-359, 611, 612; Santos Júnior, 1980; Marcos, 1984; Lemos e Marcos, 1984; Sanches, 1985-86; 1992, pp. 43-46, ests XIII, XIV, XVIII; Sanches e Santos, 1987, pp. 25, 26, ests III-VII; Sanches e Teixeira, 2013, p. 60; Xavier *et alii*, 2014, p. 91, fig. 3). No Vale da Casa, junto ao Douro, a montante da barragem do Pocinho, conhecem-se mais de três dezenas de rochas com filiformes, fusiformes e imagens picotadas, palimpsestos com longa cronologia, do Paleolítico à Idade do Ferro (Baptista, 1983; 1983-84, pp. 78-81).

No Vale do Côa, abrigo sobranceiro àquele rio, em Vale de Figueira, apresenta séries paralelas de fusiformes verticais ou oblíquos (Reis, 2012, pp. 24, 26), iconografia que também observámos em abrigo, hoje submerso, da Canada do Inferno. No Alto Côa, o abrigo do Colmeal (Serra da Marofa) guarda quatro painéis com fusiformes (Reis *et alii*, 2017, pp. 101, 105, fig. 10).

No Vale do Sabor, os seis abrigos das Fragas do Diabo (Mogadouro) e vários outros sítios, com superfícies ao ar livre, contêm fusiformes, alinhados ou não em séries horizontais, alguns reticulados e outras gravuras (Praça, Pedra de Asma 1 e 2, Cabeço do Aguilhão 1, 2 e 11, Ribeira do Pido 1, Ribeira de Moínhos 13 e 17 (Lemos e Marcos, 1984; Sanches, 1992, pp. 45, 46, ests XVII, XVIII; Sanches e Teixeira, 2013, p. 60; Xavier *et alii*, 2014, p. 91, fig. 3; Figueire-

do e Xavier, 2020, pp. 174, 175). Perto da Ribeira do Xedal, afluente do Rio Sabor, existe abrigo com fusiformes (Figueiredo e Xavier, 2020, p. 178). Também no abrigo conhecido como Barroco Pardo ou Fraga da Moura (Palaçoulo), na margem da Ribeirica, outro afluente do Sabor, podem-se observar fusiformes e covinhas (Benito del Rey, Bernardo e Rodríguez, 2003, pp. 521-550, figs 225-240).

Quatro lajes ou blocos contendo séries de gravuras fusiformes e filiformes, círculo e covinhas, foram utilizados na edificação do povoado calcolítico fortificado de Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa), oferecendo cronologia *ante quem* para tais manifestações (Jorge *et alii*, 2003, pp. 104, 118-123, 129, figs 8-16; 2003a, pp. 141, 144, 161; 2006, pp. 194, 195). Rochas ao ar livre dos contrafortes do Sistema Montanhoso Central, nomeadamente a Pedra Letreira (Góis), as rochas das Carvalhas ou de Molelinhos (Tondela), Cabeço do Malhadinho e Pico da Cebola também apresentam filiformes e fusiformes (Nunes, Pereira e Barros, 1959).

Nas rochas das Carvalhas (Tondela), no sopé da vertente nascente da Serra do Caramulo, e em outras da Extremadura Castelhana, os filiformes e fusiformes encontram-se associadas a representações de armas da Idade do Bronze Final ou da Idade do Ferro, algumas reproduzindo protótipos hallstáticos e demonstrando a sua longa pervivência (Carvalho, 1981, p. 13; Cortez, 1955, pp. 92-96; Cunha, 1991).

Conhecem-se outras rochas com fusiformes naqueles revelos (Serras da Lousã, Açor, Alvéolos, Guardunha). No Cabeço da Rainha ou Picoto da Rainha (Alto do Póbral, Serra de Alvéolos), reconheceram-se seis rochas com fusiformes e outros motivos gravados. O mesmo repertório pode ser visto nos sítios da Lajeira, Fonte das Rimas, e igualmente na Serra do Figueiredo (Sertã), em três superfícies do sítio da Fechadura, onde se associaram inscrições latinas. Outra superfície com séries de fusiformes é a Pedra das Letras (Provença-a-Nova), junto a linha de água tributária da ribeira de Parcana, afluente do Tejo (Louro, 1939, p. 14; Dias, 1963, p. 67; 1970, p. 236; Henriques e Caninas, 1998; 1998a; 2009; Batata, 1997, p. 167, ests I, II; 1998, pp. 18, 19; 2006, pp. 57-59, 136; Batata e Gaspar, 2000, pp. 577, 578; Batata, Coimbra e Gaspar, 2004; Caninas *et alii*, 2004, pp. 100-109; 2005; Batata e Coimbra, 2005; Pires, Caninas e Henriques, 2016, pp. 172, 1773; Coimbra e Garcês, 2013, pp. 245-247; Oosterbeek *et alii*, 2012, pp. 160, 161).

No complexo de arte rupestre do Vale do Tejo (São

Simão rochas 119A e 168, Cachão do Algarve rocha 66, Fratel rochas 39B, 72, 81, 19 e Parcana), entre a Beira Baixa e o Alentejo, embora certos fusiformes possam ser mais tardios, pelo menos três deles, sugerindo representar armas de arremesso, foram gravados sobre corpo de corça (Fratel 45³), e terão possível cronologia epipaleolítica. Importa mencionar, como paralelo, representação de cervídeo picotado, com o corpo listrado, que foi sobreposto por fusiformes no abrigo do Passadeiro (Palaçoulo, Miranda do Douro), próximo da Ribeirica, afluente do Sabor (Benito del Rey, Bernardo e Rodríguez, 2003, pp. 300, 321, 437, 491-520, figs 194-199; Sanches e Teixeira, 2014, pp. 62-64, 72, fig. 3.2). Outros fusiformes surgiram, nas superfícies taganas, organizadas em pequenos grupos, nomeadamente com apenas dois ou três elementos dispostos em paralelo. Na rocha 72⁴ de Fratel observam-se cruciforme, flecha e dupla flecha, elaborados a partir de fusiformes (Gomes, 2010, pp. 374-376).

No Alentejo conhecem-se numerosas gravuras filiformes Pré e Proto-Históricas, nas margens do Guadiana (Baptista e Santos, 2013, pp. 51, 53, 70, 75, 78, 88, 92, 117, 141, 163, 196, 211, 226), embora não se tenham identificado fusiformes. Outras gravuras filiformes foram descritas em locais próximos daquele rio nos sítios de Aqualta 7 (Mourão) (Bacelar, 2013) e São Cristóvão, junto ao Castelo de Monsaraz (Calado *et alii*, 2008), onde identificámos pequenos fusiformes. Para sul, na bacia do rio Mira, o abrigo da Rocha da Hera (Odemira), mostra tais grafismos, que acompanham imagem antropomórfica (Vilhena e Alves, 2007, pp. 195, 196, 208-216).

No Algarve, aquela iconografia encontra-se em abrigo (Rocha, Silves), e em laje móvel (Pedra do Cavaleiro, Alcoutim) (Beirão, 1976-77), mas também em fragmento de bloco, recolhido com materiais líticos epipaleolíticos (Maranhão, Bensafrim).

Escalariformes – Trata-se de imagens em forma de escadas, dispostas na vertical, tidas por muitos autores como os grandes símbolos da comunicação, mas também de ascensão e passagem, com degraus ou patamares entre dois mundos (Eliade, 2000, p. 127). Conhecem-se em contextos da arte parietal e móvel do Paleolítico Superior europeu e até à Proto-História.

Reticulados – Gravados ou picotados, constituem motivos iconográficos bem conhecidos, sobretudo desde os finais do Paleolítico Superior e durante o Epipaleolítico, surgindo tanto na arte móvel como

parietal (Sieveking, 1980). Grande motivo reticulado pode ser visto, gravado, na Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo), onde surgem outros com dimensões menores e, até, por vezes pouco visíveis, a par de escalariformes (Santos, Gomes e Monteiro, 1980, pp. 230, 231, fig. 10). Imagem do mesmo tipo encontra-se pintada sob grande veado do abrigo de Cantos de la Visera II (Yecla, Múrcia), datado no Epi-paleolítico (Mateo Saura, 1992-93). Os reticulados surgem nos tempos holocénicos e nomeadamente durante o Calcolítico, na iconografia registada nas placas de tear de Vila Nova de São Pedro (Azambuja), e de outros arqueossítios da Estremadura com a mesma idade, a par de outra simbologia religiosa, designadamente sóis e serpentes.

Aquele elemento iconográfico irá ser usado mais recorrentemente durante a Proto-História, período a que atribuímos estela de Nisa, com grande reticulado gravado, contendo 24 divisões quadrangulares. Não longe, no sítio de Vale de Muchacho (Nisa), grande fragmento de outra estela oferece iconografia similar. Porção de monólito, com reticulado gravado, provém do povoado de Canedotes (Vila Nova de Paiva, Viseu), ocupado nos séculos IX e X A.C., segundo datação de radiocarbono (Canha, 1999, pp. 287, 288, fig. 5-7; 2005, p. 235). E testemunhos afins foram encontrados no monumento funerário da Travessa da Carreira de Lobos (Castro Daire), de onde provêm artefactos da Idade do Bronze Final, tal como do monumento de Cadouço, na mesma região.

Bem mais significativo, em termos de contexto funcional e cronológico, é a laje com reticulado gravado, que cobria a fossa sepulcral do monumento funerário de Casinha Derribada 3 (Viseu), onde amostra de carvão dali proveniente foi datada na segunda metade do II milénio A.C. (ca 1400-1150 A.C.) (Cruz, Gomes e Carvalho, 1998, pp. 22, 34, 51, 52, est. 2). Este reticulado apresenta 20 quadrados e a fossa sepulcral continha duas taças de cerâmica com carena alta, e dois vasos ovóides, formas clássicas da Idade do Bronze Final. Também esteio da câmara de cista de As Antas (Rodeiro), que guardava lâmina de alabarda e pequena taça de cerâmica, mostra reticulado gravado (Bettencourt, 2010, p. 148).

Pequena laje de granito, igualmente contendo reticulado inciso, encontrava-se na estrutura de contenção do *tumulus* do monumento 2 de Rochão (Calde, Castro Daire), com 12 quadrados, tendo sido atribuído à Idade do Bronze Médio ou já à Idade do Bronze Final (Santos e Marques, 2007, pp. 37-44, est. VII).

Outro monólito estelar, com idêntica iconografia, provém de Pedra da Atalaia 2 (Celorico da Beira, Guarda) (Vilaça, Santos e Gomes, 2011, pp. 300, 301, 317, ests 6, 7).

Os reticulados podem ser vistos gravados nas rochas de Molelinhos (Tondela) ou da Gândara do Fial (Tondela), possivelmente da Idade do Bronze Final ou já sidéricos (Santos, 2008, p. 137), mas também em Lanhelas (Carvalheiras 1 e Laje das Fogaças), com cronologia proto-histórica (Gomes, 2020, pp. 583, 585, 593, 596, figs 9, 13). Terão datação idêntica gravuras filiformes, constituindo reticulados, da rocha 3 do sítio de Mocissos, no Guadiana (Baptista e Santos, 2013, p. 88).

Aquelas imagens induzem-nos a pensar em redes e teias que permitem capturar e controlar seres, nomeadamente quando reproduzindo dispositivos de caça, mas também artefactos e, até, forças espirituais. Elas podem ser tanto símbolos de protecção como de fertilidade.

Segundo Homero (*Od.* VIII, 270-281), Hefesto, aprisionou a sua mulher Afrodite, quando esta fazia amor com Ares, recorrendo a rede de ferro, isolando os transgressores e separando-os dos outros deuses, assim protegendo o mundo, e a moral social, da desordem que tal acto representava e promovia. Segundo cosmogonia babilónica, Marduque capturou, com rede, Tiamat, a divindade serpente do Caos, assim dominando-a e conseguindo criar o Cosmos.

Dada a limitação de espaço imposta para o presente artigo, e por já termos desenvolvido as questões relacionadas com os círculos em outros textos, absteremo-nos de as voltarmos a referir (Gomes, 1983; 2010, pp. 380-382, 385, 386, 399-404, 2020, p. 579).

9. ESTRATIGRAFIAS E DIACRONIAS – A QUE TEMPO PERTENCEM AS GRAVURAS?

O reconhecimento de estratigrafias, horizontais e verticais, é fundamental nos estudos arqueológicos de campo. Através daquelas podemos identificar comportamentos humanos e as importantes diacronias, que sustentam a integração dos testemunhos arqueológicos em contextos funcionais, momentos e idades históricas.

Na superfície agora dada a conhecer observa-se o resultado de intensa actividade gráfica, conduzindo-nos a admitir que, em vários momentos, os gravadores se encontravam no interior daquela, aspecto que registos etnográficos corroboram. Todavia, na

zona sul do seu sector poente, onde se encontra maior número e os mais longos fusiformes, é possível que os operadores responsáveis por tais gravuras se encontrassem junto ao seu bordo e só eventualmente pisariam a superfície gravada.

Tanto no sector nascente como poente, observa-se maior concentração de traços filiformes nas respectivas áreas centrais. E foi na área central daquele primeiro sector que se gravaram duas covinhas e pequeno colubrídeo, sobre gravuras pré-existentes. Covinhas, e alguns círculos, sobrepõem fusiformes e figuras por eles formados. Aquelas e estes sobrepõem abundantes filiformes.

As observações técnicas e estratigráficas permitem distinguir conceitos distintos, tanto gráficos, como iconográficos, devendo corresponder a quatro grandes momentos de produção das gravuras. Assim, os filiformes constituem fase mais antiga de gravação, que integra, entre outras imagens, os possíveis antropomorfos em forma de *phi* (Φ) e os dois outros de tipo arboriforme, ambos com origens longínquas, mas difundidas na Península Ibérica sobretudo a partir do Calcolítico. Aqueles grafismos são pouco visíveis, embora os arboriformes ocupem áreas centrais dos suportes em que foram gravados, conforme descrevemos. Trata-se, quanto a nós, de actividade gráfica que inicialmente conferiu maior importância às zonas centrais da rocha e que parece traduzir relação íntima entre o gravador e o suporte, não necessitando de representar outras imagens, quedando-se circunscrita às formas abstractas das manchas de linhas intrincadas finamente incisadas e sobrepostas. Não obstante, os antropomorfos em *phi*, rodeiam uma daquelas manchas como que a enquadrando.

Ao segundo grande momento de gravação correspondem os fusiformes, alguns reutilizando e misturando-se com os filiformes. Agora encontramos comportamento bem diferente, pois aqueles são bem reconhecíveis e utilizam outra técnica, que é o polimento, através de movimentos repetidos de vaivém. Esta era largamente usada na execução de lâminas líticas de artefactos (machados, enxós, goivas) durante o Neolítico, o Calcolítico e, até na Idade do Bronze. A força aplicada em tal trabalho foi bem diferente da necessária à gravação dos filiformes. No que concerne à cronologia dos fusiformes, constata-se que encontramos a melhor informação no Calcolítico e Idade do Bronze do Ocidente Peninsular. A presença discreta de círculos e de pequenas manchas de negativos indica uma nova fase iconográfica-

mente pouco activa, surgindo a técnica do picotado, obtido por percussão de artefactos líticos. Paralelos com ocorrências do Vale do Tejo, onde os círculos constituem os símbolos dominantes, contando-se mais de 20% do total das imagens, indicam-nos larga diacronia, do Neolítico Final (Período Meridional) à Idade do Bronze e Idade do Bronze Final (Período dos Círculos e Linhas), embora seja nestas últimas onde aconteceu a sua maior difusão e por certo importância, como símbolo astral mas polisémico, transcendendo o impacto visual (Gomes, 2010, pp. 181, 380-386).

Por fim, surgiram as numerosas covinhas, picotadas, de dimensões variadas, isoladas, aos pares, ou estruturadas em alinhamentos, quadrados, rectângulos e em dois casos em triângulo. Covinhas associadas a fusiformes, por certo reinterpretados como colubrídeos e pequena serpente associada a duas de tais gravuras, podem já corresponder à presença de populações sidéricas. Na arte rupestre do Vale do Tejo, onde os colubrídeos perfazem 30% dos zoomorfos, eles surgem no Neolítico Final, mas são mais recorrentes na Idade do Bronze Final. No Monte de Góios (Lanhelas), tais imagens associadas a covinhas devem pertencer à Idade do Bronze Final ou à Idade do Ferro (Gomes, 2010, pp. 380-382; 2020, pp. 579, 588, 593, 596).

10. CONTRIBUTOS PARA A INTEGRAÇÃO CULTURAL, EM JEITO DE CONCLUSÃO

São escassos os testemunhos arqueológicos pré e proto-históricos descobertos no concelho de Castelo Branco, nomeadamente na freguesia de Almaceda. Além da rocha 2 da Lomba do Carvalho, até agora inédita, e da rocha 1 existente nas suas proximidades, apenas se sabe, que F. Tavares Proença Júnior mencionou vagamente, povoação castreja junto a Almaceda, cuja existência ninguém ainda confirmou, havendo notícia de alicerces de casas com planta circular e do surgimento de urna de cerâmica, contendo cinzas, no sítio da Ramalheira (Machás, 1967, p. 13).

As duas superfícies gravadas, antes citadas, integraram paisagem ritual e sagrada, talvez centro cerimonial onde se acreditaria na união do mundo terreno com o sobrenatural.

Conhecemos, através de testemunhos veiculados pelas grandes religiões, como de outros hauridos em sociedades etnográficas, como no âmbito religioso

as montanhas são lugares propícios à reflexão metafísica e ao encontro com o sagrado, e como orações, cânticos, preces e gestos repetitivos, são importantes naquele contexto. Nos finais do século XIX, G. Holm (1914) observou como os esquimós Angmagssalik atingiam estados de consciência alterada, de modo a penetrarem no mundo dos espíritos, esfregando uma pedra em superfície rochosa, na direcção do Sol (Clottes e Lewis-Williams, 1996, p. 22). Entre diversas populações do Congo, em particular os Kuba, era comum, até tempos recentes, usar-se suporte de madeira, em forma de quadrúpede, com o dorso aplanado que servia para ser repetidamente esfregado com elemento de madeira, tendo em vista contactar com os espíritos, de modo a obterem-se conhecimentos, destinados à cura de doenças, identificação de criminosos e perigosos marginais, ou à veracidade de depoimentos (Cornet, 1975, pp. 72-74).

Importa referir que esfregar ou abradir, repetindo-se o mesmo gesto e formas, caracteriza estados neuropsicológicos das práticas xamânicas, além de constituir meio privilegiado de ligação com o sobrenatural, permitindo penetrar-se fisicamente no mundo a que a rocha pertence. Em determinados contextos, aquelas acções teriam conotação sexual, da união ou transmissão sensorial, conforme ocorre particularmente entre sociedades etnográficas africanas, mas também de outros continentes. Tal corresponde ao que G. Bachelard (1949, p. 46) chamou “*experiência fortemente sexualizada*”, que não se encontra longe do processo ritual. E apetece perguntar se será apenas coincidência que os grupos de cortes abradidos nas superfícies rochosas da Lomba do Carvalho, muito recordem os golpes nas telas de Lucio Fontana (1899-1968), da série “Concetto Spaziale” de 1960, ou vice-versa, em busca de uma dimensão desconhecida? Mas séries de curtos traços paralelos podem apenas corresponder a registos aritméticos ou a contagens do tempo, natural ou social.

Pares de imagens, formados por fusiformes e sobretudo por covinhas, sugerem denunciar a visão bipartida do Mundo que, segundo vários antropólogos e apesar dos seus aspectos redutores, residiria na essência do pensamento primitivo e se transmitiria à organização social (Lowie, 1912, p. 35; Durkheim, 2002, p. 44; Durkheim e Mauss, 1901-02, p. 7; Hertz, 1960, p. 95).

Acreditamos que a superfície gravada da Lomba do Carvalho regista gestos, assim chegados até aos nossos dias, de acções religiosas diacrónicas, correspon-

dendo a quatro grandes momentos, talvez do Calcolítico à Idade do Ferro, decorrentes da tentativa de ligação ao mundo transcendente. Os símbolos ali conservados, e os seus possíveis significados, como os antropomorfos em forma de *phi* ou os arboriformes, os reticulados, as covinhas, os filiformes e os fusiformes, permitem aceitar tal interpretação. Ela constituiria elemento sagrado de universo simbólico, porventura mais complexo que aquele em que vivemos (Cassirer, 1944, pp. 24, 25). Importando não esquecer que, já na segunda metade do século XVIII, J. J. Rousseau (1761) considerou que as artes, e portanto as expressões gráficas, não traduziam a realidade empírica, mas correspondiam sobretudo ao registo das emoções e das paixões.

Produzir grafismos, para além da auto-satisfação que provoca e dos aspectos estéticos que desperta, corresponde a aprendizagem, ao registo e à transmissão de conhecimentos, dado que eles corporizam ideias, comportamentos e emoções, tanto com expressão individual como colectiva.

BIBLIOGRAFIA

ACOSTA, Pilar (1968) – *La Pintura Rupestre Esquemática en España*. Salamanca: Universidad de Salamanca.

ALVES, Francisco Manuel (1934) – *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, vol. IX – *Arqueologia, Etnografia e Arte*. Porto: Tipografia da Empresa Guedes Lda.

APARÍCIO PÉREZ, José (1977) – Incisiones rupestres fusiformes en la Cuenca del Mediterraneo Occidental. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 34, pp. 313-326.

BACELAR, Lara (2013) – A rocha gravada de Agualta 7. In VALERA, António Carlos (ed.) – *As Comunidades Agropastoris na Margem Esquerda do Guadiana. 2ª Metade do IV aos Inícios do II Milénio A.C.* Beja: EDIA – Empresa de Desenvolvimento e Infra-Estruturas do Alqueva (Memórias d’Odiana, 2ª série, vol. 6), pp. 505-538.

BACHELARD, Gaston (1942) – *L’Eau et les Rêves*. Paris: Librairie José Corti.

BACHELARD, Gaston (1949) – *La Psychanalyse du Feu*. Paris: Éditions Gallimard (Col. Folio / Essais).

BAPTISTA, António Martinho (1983) – Complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa). *Arqueologia*. Porto. 8, pp. 57-69.

BAPTISTA, António Martinho (1983-84) – Arte rupestre do Norte de Portugal: Uma perspectiva. *Portvgalia*. Porto. Nova série. IV, V, pp. 71-82, IV ests.

BAPTISTA, António Martinho; SANTOS, André Tomás (2013) – *A Arte Rupestre do Guadiana Português na Área de Influência do Alqueva*. Beja: EDIA – Empresa de Desenvolvi-

mento e Infra-Estruturas do Alqueva (Memórias d'Odiana, 2ª série).

BATATA, Carlos António Moutoso (1997) – A Sertã na transição entre a Pré-História Recente e a Proto-História. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. V, p. 163-167, II estampas.

BATATA, Carlos António Moutoso (1998) – *Carta Arqueológica do Concelho da Sertã*. Sertã: Câmara Municipal da Sertã.

BATATA, Carlos António Moutoso (2006) – *Idade do Ferro e Romanização entre os Rios Zêzere, Tejo e Ocreza*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia 46).

BATATA, Carlos António Moutoso (2006a) – Explorações mineiras antigas entre os rios Zêzere, Tejo e Ocreza. In: 3º *Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Histórica no Sudoeste Europeu*. Madrid: Sociedad Española para la Defensa del Patrimonio Geológico y Minero, pp. 67-77.

BATATA, Carlos António Moutoso.; COIMBRA, Fernando Augusto Rodrigues (2005) – Laje da Fechadura. Arte rupestre filiforme. In 25 *Sítios Arqueológicos da Beira Interior*. Trancoso: Câmara Municipal de Trancoso, pp. 42, 43.

BATATA, Carlos António Moutoso; COIMBRA, Fernando Augusto Rodrigues; GASPAS, Filomena (2004) – As gravuras rupestres da Laje da Fechadura (Concelho da Sertã). *Revista de Portugal*. Coimbra. Nova Série, 1, pp. 26-31.

BATATA, Carlos António Moutoso; GASPAS, Filomena (2000) – Arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Zêzere. In JORGE, Vitor Oliveira, ed. – *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular, IV, pp. 575-585.

BEDNARIK, Robert G. (1986) – Parietal finger markings in Europe and Australia. *Rock Art Research*. Darwin. 3(1), pp. 30-61.

BEIRÃO, Caetano Maria de Mello (1976-1977) – A Pedra do Cavaleiro. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. II, III, pp. 345-351.

BENITO DEL REY, Luis; BERNARDO, Hermínio Augusto; RODRÍGUEZ, Marciano Sánchez (2003) – *Santuários Rupestres Pré-Históricos de Miranda do Douro (Portugal) e no seu Entorno de Zamora e Salamanca (Espanha)*. Miranda do Douro: Câmara Municipal de Miranda do Douro.

BETTENCOURT, Ana Maria dos Santos (2010) – La Edad del Bronce en el Noroeste de la Península Ibérica: un análisis a partir de las prácticas funerarias, *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 67(1), pp. 139-173.

BREUIL, Henri (1933) – *Les Peintures Rupestres Schématiques de la Péninsule Ibérique, I Au Nord du Tage*. Lagny-sur-Marne: Imprimerie de Lagny.

BREUIL, Henri (1933a) – *Les Peintures Rupestres Schématiques de la Péninsule Ibérique, II Bassin du Guadiana*. Lagny-sur-Marne: Imprimerie de Lagny.

BREUIL, Henri (1952) – *Quatre Cents Siècles d'Art Pariétal. Les Cavernes Ornées de l'Âge du Renne*. Montignac: Centre d'Études et de Documentation Préhistoriques.

CADENAT, Pierre (1965) – La station rupestre de “Beit-el-Ghaoula” près de Tiaret (Algérie). In *Memoriam do Abade Henri Breuil*, vol. 1. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. (Separata da Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, III série, 9), pp. 145-152.

CALADO, Manuel; ROCHA, Leonor; SANTOS, Ivo; PIMENTA, Alexandra (2008) – Rock art in context: Late Bronze Age motifs in Monsaraz (Alentejo, Portugal). In *Actas del III Taller Internacional de Arte Rupestre*. La Havana: Instituto Cubano e Antropología, pp. 119-136.

CANHA, Alexandre (1999) – Canedotes (Vila Nova de Paiva), povoado do Bronze Final. Notícia preliminar das escavações do sector II. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. VII, p. 261-291.

CANHA, Alexandre (2005) – Canedotes (Vila Nova de Paiva-Viseu): Uma aproximação à ocupação do povoado. *Côa-visão*. Vila Nova de Foz Côa. 7, pp. 233-249.

CANINAS, João Carlos Pires; HENRIQUES, Francisco José Ribeiro; BATATA, Carlos António Moutoso; BAPTISTA, Álvaro (2004) – Novos dados sobre a Pré-História Recente da Beira Interior Sul. Megalitismo e Arte Rupestre no Concelho de Oleiros. *Estudos de Castelo Branco*. Castelo Branco. Nova Série, 3, pp. 97-123.

CANINAS, João Carlos Pires; HENRIQUES, Francisco José Ribeiro; BATATA, Carlos António Moutoso; BAPTISTA, Álvaro; SABROSA, Armando; CANHA, Alexandre; HENRIQUES, Fernando Robles; CHAMBINO, Mário; MONTEIRO, Mário (2005) – Sepulturas sob montículo artificial e gravuras rupestres. In 25 *Sítios Arqueológicos da Beira Interior*. Trancoso: Câmara Municipal de Trancoso, pp. 40, 41.

CARVALHO, Amadeu Ferraz de (1981) – *A Terra de Besteiros e o Actual Concelho de Tondela (Esboço Histórico e Toponímico)*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, 2ª ed.

CASSIRER, Ernst (1944) – *An Essay on Man. An Introduction to a Philosophy of Human Culture*. Garden City, New York: Doubleday & Company Inc.

CASTRO, Luís de Albuquerque e (1970) – A pedra escrita da tapada do Cordeiro. In *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, I, pp. 291-296.

CLOTES, Jean; LEWIS-WILLIAMS, James David (1996) – *Les Chamanes de la Préhistoire. Transe et Magie dans les Grottes Ornées*. Paris: Éditions du Seuil.

COIMBRA, Fernando Augusto Rodrigues (2015) – Some considerations about the Protohistoric rock art in the Iberian Peninsula and recent findings in the eastern Mediterranean. *Quaderns de Prehistòria i Arqueologia de Castelló*. Castelló de la Plana. 33, pp. 81-95.

COIMBRA, Fernando Augusto Rodrigues; GARCÊS, Sara (2013) – Arte rupestre incisa entre o Tejo e o Zêzere: Con-

- tributo para o seu inventário, tipologia e datação. *ARKEOS*. Tomar. 34, pp. 243-254.
- CORNET, Joseph (1975) – *Art from Zaïre*. New York: The African-American Institute.
- CORTEZ, Fernando Russell (1951) – Das populações pré-celtas do Norte de Portugal. *Boletim da Associação de Filosofia Natural*. Porto. II, pp. 163-184.
- CORTEZ, Fernando Russell (1955) – Contribución al estudio de la Protohistoria de los “Lusitani” (entre el Duero y el Tajo). *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. XXVIII, pp. 90-101.
- CRUZ, Domingos J. da; GOMES, Luís Filipe C.; CARVALHO, Pedro M. Sobral de (1998) – O grupo de *tumuli* da “Casinha Derribada” (concelho de Viseu). *Conimbriga*. Coimbra. XXXVII, pp. 5-76, 8 ests.
- CUNHA, Ana Leite da (1991) – Estação de arte rupestre de Molelinhos. Notícia preliminar. In *Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 253-265.
- DIAS, Jaime Lopes (1963) – *Etnografia da Beira, Contos, Lendas, Mitos e Narrativas, Costumes, o Trajo, os Penitentes, Tradições, Crenças e Superstições, Notas Etnográficas e Históricas*. Lisboa: Livraria Ferin L^{da}, vol. IX.
- DIAS, Jaime Lopes (1970) – *Etnografia da Beira. A Alimentação, Contos e Narrativas. Costumes. Vida Agrícola. Crenças e Superstições. Cancioneiro. Notas Etnográficas e Históricas*. Lisboa: Livraria Ferin, vol. X.
- DÍEZ-CORONEL, Luís (1986-87) – Grabados rupestres prehistóricos en el Pirineo Leridano y Andorrano del tipo “Roca de les Bruixes I”. *Bajo Aragon Prehistoria*. Zaragoza. VII-VIII, pp. 235-264.
- DURKHEIM, Émile (2002) – *As Formas Elementares da Vida Religiosa. O Sistema Totémico na Austrália*. Oeiras: Celta Editora.
- DURKHEIM, Émile; MAUSS, Marcel (1901-02) – De quelques formes primitives de classification: contribution à l'étude des représentations collectives. *L'Année Sociologique*. Paris. 6, pp. 1-22.
- ELIADE, Mircea (1977) – *Tratado de História das Religiões*. Lisboa: Edições Cosmos (Coleção Coordenadas).
- ELIADE, Mircea (2000) – *Mitos, Sonhos e Mistérios*. Lisboa: Edições 70 (Coleção Perspectivas do Homem).
- FIGUEIREDO, Sofia Soares de; XAVIER, Pedro (2020) – Ensaiaando interpretações para a arte de transição do Vale do Sabor. *Arqueologia & História*. Lisboa. 70, pp. 171-183.
- GOMES, Mário Varela (1983) – Arte esquemática do Vale do Tejo. *Zephyrus*. Salamanca. XXXVI, pp. 277-285.
- GOMES, Mário Varela (2002) – Arte rupestre em Portugal – perspectiva sobre o último século. *Arqueologia e História*. Lisboa. 54, pp. 139-194.
- GOMES, Mário Varela (2010) – *Arte Rupestre do Vale do Tejo – Um Ciclo Artístico-Cultural Pré e Proto-Histórico*. Dissertação de Doutoramento em História, Ramo de Arqueologia. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa (3 vols).
- GOMES, Mário Varela (2020) – Arte rupestre do Monte de Góios (Lanhelas, Caminha). Síntese dos resultados dos trabalhos efectuados em 2007-2009. In ARNAUD José Morais; NEVES, César; MARTINS, Andrea, coord. ed. – *Arqueologia em Portugal – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 571-598.
- GOMES, Mário Varela; MONTEIRO, Jorge Pinho (1976-1977) – As estelas decoradas da Herdade de Pomar (Ervidel-Beja) – Estudo Comparado. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. II-III, pp. 281-343.
- GONZÁLEZ MORALES, Manuel R. (1980) – Grabados exteriores lineales de surco profundo en Cavernas de Llanes (Asturias): Cueto de la Mina, Samorely y el Covaron. *Altamira Symposium*. Madrid: Ministerio de Cultura, pp. 267-276.
- HENRIQUES, Francisco José Ribeiro; CANINAS, João Carlos Pires (1998) – As gravuras lineares na Pedra das Letras. *Boletim Municipal da Câmara Municipal de Proença-a-Nova*. Proença-a-Nova. ano 5, 11, pp. 21, 22.
- HENRIQUES, Francisco José Ribeiro; CANINAS, João Carlos Pires (1998a) – A “Pedra das Letras”. *Agenda Cultural. Câmara Municipal de Proença-a-Nova*. Proença-a-Nova. 18, p. 7.
- HENRIQUES, Francisco José Ribeiro; CANINAS, João Carlos Pires (2009) – Pedra das Letras: Uma rocha com grafismos lineares (Proença-a-Nova). *Açafa On-Line*. Vila Velha de Ródão. 2, pp. 2-18.
- HERTZ, Robert (1960) – *Death & the Right Hand*. Glencol: The Free Press.
- HODGSON, Derek (2006) – Understanding the origin of palaeoart: the neurovisual resonance theory and brain functioning. *PaleoAnthropology*. 2006, pp. 54-67.
- HOLM, Gustav Frederik (1914) – Ethnological sketch of the Angmagsalik Eskimo. *Meddeleiser om Grønland*. Greenland. 39, pp. 1-147.
- JORGE, Vítor de Oliveira; MURALHA, João; PEREIRA, Leonor Sousa; VALE, Ana Margarida; VELHO, Gonçalo Leite; COIXÃO, António Sá (2006) – Relatório das escavações arqueológicas do ano de 2005. Sítio de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa). *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa. 8, pp. 185-204.
- JORGE, Vítor de Oliveira; CARDOSO, João Muralha; PEREIRA, Leonor Sousa; COIXÃO, António Sá (2003) – Campanha de escavações arqueológicas do ano de 2002 no sítio do Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa). *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa. 5, pp. 99-131.
- JORGE, Vítor de Oliveira; CARDOSO, João Muralha; PEREIRA, Leonor Sousa; COIXÃO, António Sá (2003a) – Cas-

- tanheiro do Vento, a late prehistoric monument enclosure in the Foz Côa region, Portugal – recent research (1998-2002). *Journal of Iberian Archaeology*. Cambridge. 5, pp. 137-161.
- JUNG, Carl Gustav (1964) – Essai d'exploration de l'inconscient. In *L'Homme et ses Symboles*. Paris: Éditions Robert Laffont, pp. 18-103.
- KANDINSKY, Wassily Wassilyevich (1971) – *Punto y Línea Sobre el Plano. Contribución al Análisis de los Elementos Pictóricos*. Barcelona: Barral Editores, S.A.
- KENNEDY, John M.; SILVER, Judy (1974) – The surrogate functions of lines in visual perception: Evidence from antipodal rock and cave artwork sources. *Perception*. Bristol. 3, pp. 313-322.
- LE DÛ, Robert (1935-1936) – Les gravures rupestres de la région de Tébéssa. *Notes et Mémoires de la Société Archéologique de Constantine*. Constantine. LXIII, pp. 107-124.
- LEFEBVRE, Luis Gillette (1970) – *Typologie de la Technique des Gravures Rupestres Pré et Protohistoriques de l'Algérie non Saharienne*. Argel: Centre de Recherches Anthropologiques Préhistoriques et Ethnographiques.
- LE MOS, Francisco de Sande; MARCOS, Domingos (1984) – As gravuras rupestres das Fragas do Diabo (Mogadouro). *Cadernos de Arqueologia*. Braga. série II, vol. I, pp. 137-142.
- LEROI-GOURHAN, André (1968) – Les signes pariétaux du Paléolithique supérieur franco-cantabrique. In RIPOLL PERELLÓ, Eduardo, ed. – *Simposio Internacional de Arte Rupestre*. Barcelona: Diputació Provincial de Barcelona, pp. 67-77.
- LEWIS-WILLIAMS, James David (1997) – Agency, art and altered consciousness: a motif in French (Quercy). Upper Palaeolithic parietal art. *Antiquity*. Cambridge. 71(274), pp. 810-830.
- LEWIS-WILLIAMS, James David (1997a) – Prise en compte du relief naturel des surfaces rocheuses dans l'art pariétal sud-africain et paléolithique ouest-européen: Étude culturelle et temporelle croisée de la croyance religieuse. *L'Anthropologie*. Paris. 101(1), pp. 220-237.
- LORBLANCHET, Michel (1993) – Les tracés indéterminés. In Groupe de Réflexion sur l'Art Pariétal Paléolithique, ed. – *L'Art Pariétal Paléolithique. Techniques et Méthodes d'Étude*. Paris: Ministère de l'Enseignement Supérieur et de la Recherche, pp. 235-241.
- LOURO, Henrique da Silva (1939) – *Monografia de Cardigos*. Cucujães: Editorial Missões.
- LOWIE, Robert Harry (1912) – On the principle of convergence in Ethnology. *The Journal of American Folklore*. Champaign, Illinois. 25(95), pp. 24-42.
- MACHÁS, José Lopes (1967) – Nos tempos que já lá vão. Alameda (ê) e outros nomes de lugares desta freguesia: Paiágua, Engarnal, Padrão, Rochas, Ribeira d'Eiras e Valbom. *Estudos de Castelo Branco*. Castelo Branco. 24, pp. 13-25.
- MARCOS, Domingos S. (1989) – Descoberta de gravuras rupestres em Atenor – Miranda do Douro. *Arqueologia*. Porto. 9, pp. 139, 140.
- MATEO SAURA, Miguel Angel (1992-93) – Acerca de los signos recticulares de Cantos de la Visera. Yecla (Murcia). *Revista de Estudios Yeclanos, Yakka*. 4, pp. 9-13,
- MGUNI, Siyakha (2009) – Natural and supernatural convergences. Trees in Southern African rock art. *Current Anthropology*. Chicago. 50(1), pp. 139-148.
- MORRIS, Charles William (1985) – *Fundamentos de la Teoría de los Signos*. Barcelona: Ediciones Paidós.
- NUNES, João de Castro; PEREIRA, Augusto Nunes; BARROS, A. Melão (1959) – *A Pedra Letreira*. Góis: Câmara Municipal de Góis (Memórias Arqueológicas do Concelho de Góis).
- OLIVEIRA, Jorge Manuel Pestana Forte de (2010) – Neolítico e Megalitismo na Coudelaria de Alter. In GONÇALVES, Victor S.; SOUSA, Ana Catarina, eds. – *Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e.* Cascais: Câmara Municipal de Cascais, pp. 357-397.
- OOSTERBEEK, Luiz; COLLADO GIRALDO, Hipólito; GARCÊS, Sara (2012) – Arqueologia rupestre da Bacia do Tejo: RUPTEJO. *ARKEOS*. Tomar. 32, pp. 133-173.
- PEYRONY, Denis (1929) – L'industrie et l'art de la couche des pointes en os a base a biseau simple de Laugerie-Haute. *L'Anthropologie*. Paris. XXXIX, pp. 361-371.
- PIRES, Hugo; CANINAS, João Carlos Pires; HENRIQUES, Francisco José Ribeiro (2016) – Aplicação do Modelo de Resíduo Morfológico no registo de gravuras rupestres no Centro de Portugal. In VILAÇA, Raquel, coord. – *II Congresso Internacional de Arqueologia da Região de Castelo Branco*. Castelo Branco: Sociedade dos Amigos do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior e Câmara Municipal de Castelo Branco, pp. 165-178.
- RAPHAËL, Max (1986) – *L'Art Pariétal Paléolithique*. Paris: Le Couteau dans la Plaie, Kronos.
- REIS, Mário (2012) – Mil rochas e tal...! Inventário dos sítios da arte rupestre do Vale do Côa. *Portvgalia*. Porto. Nova Série, 33, pp. 5-72.
- REIS, Mário; ALVES, Lara Bacelar; CARDOSO, João Muralha; CARVALHO, Bárbara (2017) – Art-facts - os contextos da arte esquemática no Vale do Côa. *Techne*. Tomar. Série II, 3(1), pp. 97-111.
- SANCHES, Maria de Jesus (1985-86) – O abrigo com gravuras esquemáticas das Fragas da Lapa, Atenor, Miranda do Douro. *Portvgalia*. Porto. Nova série, VI, VII, pp. 7-20, XV ests.
- SANCHES, Maria de Jesus (1992) – *Pré-História Recente no Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes)*. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto (Monografias Arqueológicas 3).

- SANCHES, Maria de Jesus; SANTOS, Branca do Carmo T. O. (1987) – Levantamento arqueológico do Concelho de Mirandela. *Portvgalia*. Porto. Nova série, VIII, pp. 17-56, XIX ests.
- SANCHES, Maria de Jesus; TEIXEIRA, Joana de Castro (2013) – An interpretative approach to “devil claw” carvings: the case of River Tua mouth rock shelter (Alijó, Trás-os-Montes, Northeast Portugal). *XXV Valcamonica Symposium, Art as a Source of History*. Capo di Ponte: Centro Camuno di Studi di Preistorici, pp. 59-68.
- SANCHES, Maria de Jesus; TEIXEIRA, Joana de Castro (2014) – O abrigo do Passadeiro, Palaçoulo (Miranda do Douro). Um caso de estudo de gravuras rupestres dos inícios do Holocénico do Nordeste de Portugal. *Portvgalia*. Porto. Nova série, 35, pp. 61-75.
- SANTOS, André Tomás (2008) – *Uma Abordagem Hermenêutica-Fenomenológica à Arte Rupestre da Beira Alta: O Caso do Fial (Tondela, Viseu)*. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta (Estudos Pré-Históricos, nº 3).
- SANTOS, André Tomás; MARQUES, João Nuno (2007) – Os tumuli do Rochão (Castro Daire, Viseu). *Conimbriga*. Coimbra. 46, pp. 27-51, 7 ests, 8 fotos.
- SANTOS, Manuel Farinha dos; GOMES, Mário Varela; MONTEIRO, Jorge Pinho (1980) – Descobertas de arte rupestre na Gruta do Escoural (Évora, Portugal). In ALMAGRO BASCH, Martín, ed. – *Altamira Symposium*. Madrid: Ministério de Cultura, pp. 205-242.
- SANTOS JÚNIOR, Joaquim Rodrigues dos (1963) – As gravuras litotípticas de Ridevides (Vilariça). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. XIX(2), pp. 111-144, XXVIII ests.
- SANTOS JÚNIOR, Joaquim Rodrigues dos (1980) – As gravuras rupestres da Fonte do Prado da Rodela (Meirinhos – Mogadouro). *Trabalhos de Arqueologia e Etnologia*. Porto. XXII(IV), pp. 594-599, II ests.
- SHAPIRO, Gary (1974) – Intention and interpretation in art: a semiotic analysis. *Journal of Aesthetics and Art Criticism*. Oxford. 33(1), pp. 35-42.
- SIEVEKING, Ann (1980) – Continuité des motifs schématiques, au paléolithique et dans les périodes postérieurs en Franco-Cantabrie. In ALMAGRO BASCH, Martín, ed. – *Altamira Symposium*. Madrid: Ministério de Cultura, pp. 319-336.
- VAUFREY, Raymond; LE DÛ, Robert (1934) – Gravures rupestres capsiennes. *L'Anthropologie*. Paris. XLIV, pp. 327-333.
- VILAÇA, Raquel; SANTOS, André Tomás; GOMES, Sofia Melo (2011) – As estelas de Pedra da Atalaia (Celorico da Beira, Guarda) no seu contexto geo-arqueológico. In VILAÇA, Raquel, coord. – *Estelas e Estátuas-Menires da Pré à Proto-História*. Sabugal: Câmara Municipal do Sabugal, pp. 293-318.
- VILHENA, Jorge; ALVES, Lara Bacelar (2007) – Subir à maior altura. Espaços funerários, lugares do quotidiano e “arte rupestre” no contexto da Idade do Bronze do Médio/Baixo Mira. *Vipasca*. Aljustrel. 2ª série, 2, pp. 194-218.
- WERNERT, Paul (1922) – Problèmes d’art rupestre. Le type fusiforme gravé, peint et sculpté. *Association Française pour l’Avancement des Sciences, 45^e session*. Paris: M. M. Masson et Cie, pp. 940-944.
- XAVIER, Pedro; CRISTO ROPERO, Araceli; MACIEL, José; FIGUEIREDO, Sofia Soares de (2014) – Do ver ao compreender as gravuras “fusiformes” do Vale do Sabor. In HONRADO CASTRO, José; BREZMES ESCRIBANO, Miguel Angel; TEJEIRO PIZARRO, Alicia; RODRÍGUEZ MONTERRUBIO, Oscar, coords – *Segundas Jornadas de Jóvenes Investigadores del Valle del Duero: Del Neolítico a la Antigüedad Tardía*. Valladolid: Glyphos Publicaciones, pp. 87-98.

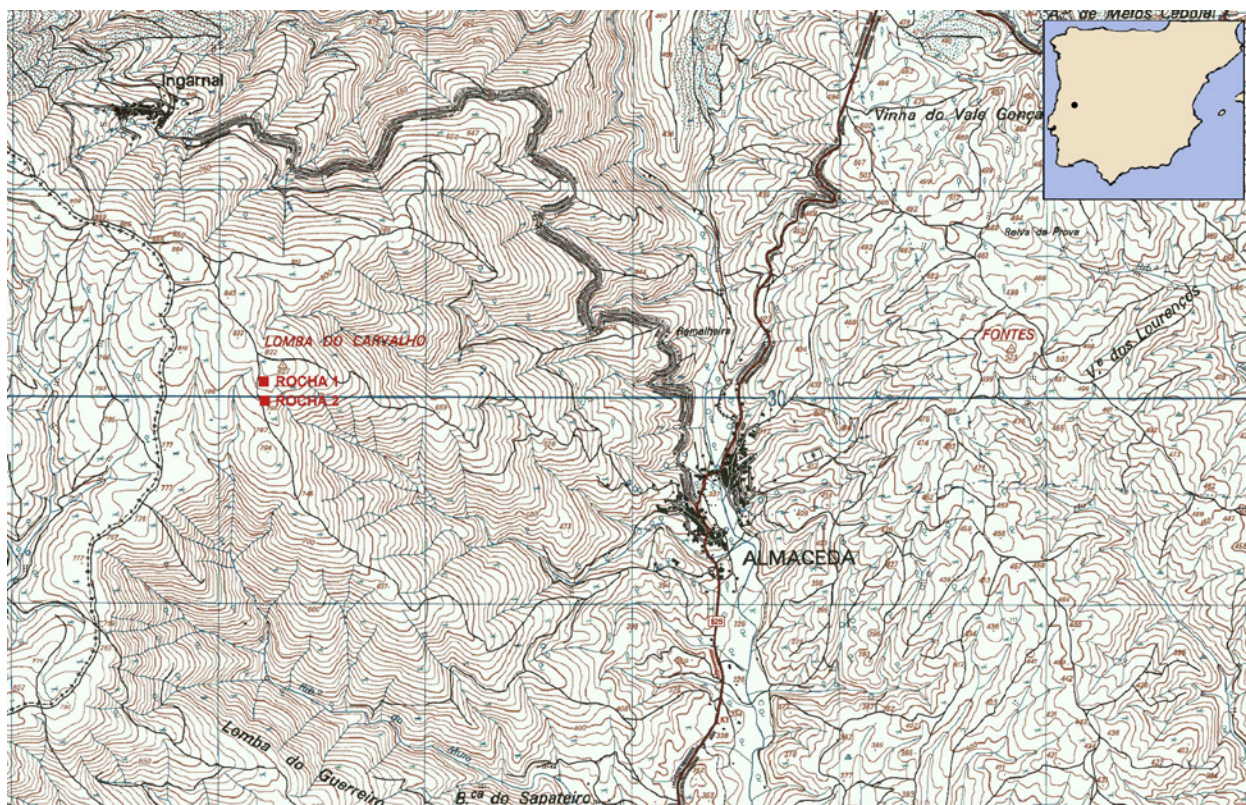


Figura 1 – Localização das rochas 1 e 2 da Lomba do Carvalho, a ONO de Almaceda, segundo a *Carta Militar de Portugal*, nº 267 (Almaceda) (Instituto Geográfico do Exército, 1993).



Figura 2 – Vista de sudoeste do local onde se encontra a Rocha 2 da Lomba do Carvalho (foto M. V. Gomes).

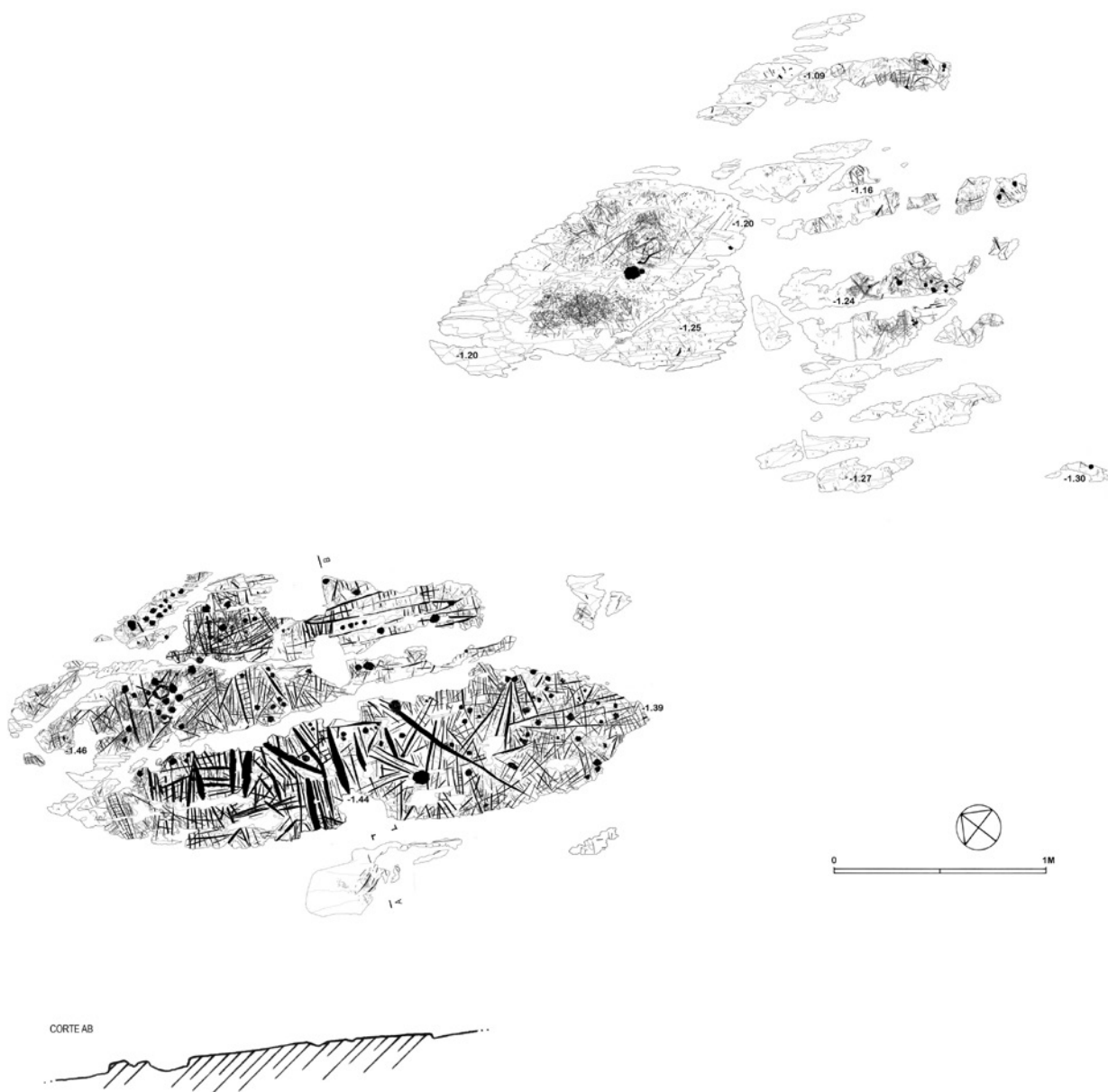


Figura 3 – Planta e corte das superfícies gravadas da Rocha 2 da Lomba do Carvalho (lev. M. V. Gomes e J. Gonçalves).



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO
DIREÇÃO - FACULDADE DE LETRAS - UC
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia,
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

Coimbra

 **seminário
maior de coimbra**